

QUINZE

O prédio onde tudo aconteceu é imenso. Milhares de apartamentos colados uns nos outros, que tornam as pessoas completas estranhas umas para as outras. Na noite da morte de Otávio, era a folga do porteiro oficial. Quem cobriu o turno foi o faxineiro do condomínio. Seu nome era Adamastor de Souza, nordestino como o titular do cargo. Ele afirma que não escutara nada diferente, até quando alguém gritou pelo fogo.

Conseguira o emprego porque um conterrâneo seu tinha vindo antes e já vivia na cidade há anos. Trabalhou como garçom antes em quatro diferentes restaurantes, mas não se adaptou ao tratamento que recebia dos fregueses. Normalmente o ignoravam ou o tratavam muito mal. Sentia-se humilhado. Por isso tentou ser faxineiro. Provavelmente seria também ignorado, mas raramente teria que lidar diretamente com alguém. Pelo menos acreditava nisso quando procurou o amigo para pedir que o indicasse para a vaga.

Durante o dia em que aconteceu o incêndio, trabalhara normalmente limpando os corredores e todas as áreas comuns. À noite, encarou o turno de oito horas. Ele não disse explicitamente, mas o detetive percebeu que havia dormido. Não é crime dormir no trabalho e mesmo que ele tivesse acordado, pouco ou nada poderia ter feito, mas se durante o seu turno acontece uma catástrofe, você não vai querer admitir esse detalhe. O detetive não o pressionou. Sabia que seria desnecessário. Adamastor contou que saiu do prédio e, quando olhou para a janela, já havia uma cortina de fumaça escura muito espessa. Ligou para o síndico que entrou em contato com os bombeiros. A operação foi rápida: os vizinhos já haviam ligado. Para acabar com o incêndio, foi preciso pouco tempo.

Adamastor disse que Otávio nunca recebia visitas. Era completamente sozinho e não perturbava ninguém. Nunca fazia festas e pouco saía de casa durante o dia. Xavier dispensou o porteiro-faxineiro, sem saber muito bem o que perguntar a ele, e foi conversar com o síndico, Seu Edílson. Baixo, cabelos grisalhos, calmo no falar e no se movimentar. Usa os cabelos para trás e óculos de aros dourados. A pele morena, já com rugas, mostra que fora um homem bonito. Seu Edílson conta que Otávio era um rapaz que nunca havia chamado a atenção para si. Pouco se sabia dele, mas lhe parecia ser de boa índole. Jamais fizera uma festa, tampouco recebera qualquer reclamação sobre ele. Em seguida, Seu Edílson começou a reclamar dos moradores do 305 que deviam ao condomínio e que viviam fazendo festas além de incomodar os vizinhos. O detetive agradeceu a ajuda e foi falar com os moradores do andar de Otávio.

Nenhuma grande novidade. Eram quase discursos monótonos. Pareciam que tinham combinado. Quando sabiam de quem se tratava, diziam que ele recebia poucas visitas, avistavam-no raras vezes fora de casa, nunca tinha incomodado. Uma cena que se repetiu várias vezes. O detetive tocava a campainha, se identificava, explicava por que estava ali, fazia perguntas pontuais, recebia respostas genéricas, anotava-as no caderninho, agradecia, se despedia e ouvia a porta batendo. Enfadonho.